

A CONTRADIÇÃO DA MORALIDADE DO SUICÍDIO EM SÊNECA*

THE CONTRADICTION OF THE MORALITY OF SUICIDE IN SENECA

Bruno Fonseca Marques**

RESUMO

Nesta comunicação aponto as contradições presentes na obra *Cartas a Lucílio*, de Sêneca, quando são trabalhados, na “Carta 70”, argumentos que favorecem uma noção de moralidade para o suicídio. De forma objetiva, fundamentado nos ensinamentos presentes na “Carta 71”, que exprimem muitas noções da filosofia estoica, demarco os pontos com as quais Sêneca se contradiz ao valorizar o suicídio e ressaltar suas concepções estoicas ao redor da virtude, do sábio e da filosofia.

PALAVRAS-CHAVE: suicídio; virtude; contradições; filosofia estoica; moralidade.

ABSTRACT

In this communication I point out the contradictions present in the work *Moral Letters to Lucilius*, by Seneca, when, in Letter 70, arguments that work in favor of a notion of morality for suicide. Objectively, based on the teachings present in Letter 71, which express many notions of Stoic philosophy, I outline the points with which Seneca contradicts himself when enhances suicide and highlight his Stoic conceptions around virtue, the wise and the philosophy.

KEYWORDS: suicide; virtue; contradictions; Stoic philosophy; morality.

O suicídio é, possivelmente, um dos temas de maior contradição dentro da experiência humana. Na Filosofia, esse assunto tende a ser relegado ao campo da ética, sendo, muitas vezes, assumido como um desprezo máximo para todos os valores que comportam um bem-viver. Em oposição a esse modo de pensamento, Sêneca define o suicídio como uma ação em que é preciso “ser firme na decisão tomada e romper de uma vez os vínculos da nossa servidão” (Ep. 70, 12)¹. Gill (2022, p. 37)² reforça que o filósofo romano apresenta “um suicídio orientado por princípios”. Nesse sentido, o rompimento com a servidão é a maior expressão da liberdade humana, o suicídio está, então, envolto em um raciocínio virtuoso de quebra para toda e *qualquer* servidão.

* Comunicação recebida em 15/05/2024 e aprovada para publicação em 20/06/2024.

** Graduando em Filosofia pela PUC Minas. E-mail: fonsecambruno@gmail.com.

¹ Durante todo este trabalho, citações da obra *Cartas a Lucílio* (Sêneca, 2004, Epístola 70, 12) serão realizadas neste modelo: o número da epístola seguido da localização da citação na obra, por exemplo (Ep. 70, 12).

² Como nota destacada por Gill nessa citação: “Uma vez que o estoicismo não ensinava que tal e tal regra imperial, enquanto tal e tal, estivesse errada, é necessário ter cautela com relação à ideia de uma ‘oposição estoica’” (Gill, 2022, p. 37, nota 4).

Todavia, o filósofo romano embarca numa série de contradições quando sua perspectiva moral do suicídio presente em sua “Carta 70” é colocada em face de seus argumentos positivos³ contemplados na “Carta 71”, na qual expressam, de maneira condensada, muito do pensamento presente em toda sua obra.

1 DIGNIDADE E SERVIDÃO

No percurso de sua exposição da “Carta 70”, Sêneca é claro e enfático ao expor que a única vida que vale a pena ser vivida é aquela que possui dignidade: “ora, como tu bem sabes, a vida não é um bem que se deve conservar a todo custo: o que importa não é estar vivo, mas sim viver uma vida digna!” (Ep. 70, 4); o filósofo preza pela qualidade da vida, não pela sua duração. Nesse contexto, ele defende que o ato do suicídio está mais carregado de valor do que um cuidado para uma sobrevivência indigna: “morrer mais cedo, morrer mais tarde – é questão irrelevante; relevante é, sim, saber se se morre com dignidade ou sem ela, pois morrer com dignidade significa escapar ao perigo de viver sem ela!” (Ep. 70, 6).

Em sequência desse raciocínio, faz-se necessária a compreensão de que Sêneca atribui um valor anormal à servidão nessa Epístola. O pensamento exposto considera que *qualquer* tipo de servidão é condição para a valorização moral da opção pelo suicídio: “é preferível o suicídio mais imundo à mais higiênica servidão!” (Ep. 70, 21), o que sustenta sua ideia de que o autoextermínio é a expressão mais pura da liberdade humana. A escolha de *como* exaurir a vida de nada importa, desde que esta seja feita por meio de uma *vontade intransigente* de cerrar os vínculos com *qualquer* servidão.

No decorrer de seu discurso, Sêneca aponta exemplos diversos de indivíduos que optaram pelo suicídio de forma impetuosa. Nesses momentos, ele ressalta a clareza de espírito e a pureza de vontade com a qual até mesmo as mais brutais ações que resultam no autoextermínio possuem. Tais casos são usados para apontar que inclusive sujeitos desprovidos de um estudo filosófico são capazes de encontrar dignidade em sua morte.

A coragem que estas almas depravadas ou mesmo criminosas manifestam, não a manifestaremos nós, a quem uma longa meditação, a quem o uso da razão, mestra universal, preparou contra todas as contingências? A razão ensina-nos que várias podem ser as vias seguidas pelo destino mas que o fim é apenas um e nada interessa o ponto de partida daquilo que é inevitável. A mesma razão te aconselhará a morrer,

³ Argumentos que valorizam uma vida em busca da virtude e regida por ela, assim como o estudo da Filosofia, mais especificamente a filosofia estoica.

se possível, do modo que te agradar, se não, do modo que for viável, isto é, a aproveitar a forma de suicídio que as circunstâncias te depararem. Se é imoral viver impetuosamente; morrer num ímpeto, pelo contrário, é admirável! (Ep. 70, 27).

Em contraposição desses pensamentos, na “Carta 71”, encontramos algumas formulações filosóficas importantes. A primeira delas é a mais importante lição estoica dentro da obra: “todas as nossas acções devem conformar-se com o bem supremo” (Ep. 71, 2). O bem supremo é o bem moral, considerado por Sêneca como o único bem existente, sendo ele a virtude. Como apontado por Marques (2023, p. 22) “o bem moral é a liberdade da ação”, logo, aqui encontra-se uma clara dúvida no que tange à definição senequiana de que o suicídio seria a maior expressão da liberdade; ora, o suicídio seria uma manifestação da virtude? Como conceber tal fato sendo que a virtude, uma vez obtida, capacita o sujeito a resistir contra todas as adversidades? “O supremo bem não admite qualquer grau superior a si, desde que nele se contenha a virtude, e desde que a virtude não seja diminuída pela adversidade e permaneça intacta mesmo que o corpo sofra alguma amputação: e de facto a virtude mantém-se!” (Ep. 71, 18).

Como segunda formulação, compreende-se que a Filosofia é o caminho para a obtenção da virtude, especialmente a filosofia estoica. Como exibido por Stock (2022, p. 56), a base da ética estoica revela que “o primeiro impulso surgido em um animal recém-nascido é proteger a si mesmo e a sua própria constituição”, ou seja, o fundamento da relação de harmonia entre o homem e a natureza é a autopreservação, sendo esta “a primeira lei da vida”. Ademais, a contribuição senequiana aprofunda a crítica à moralidade do suicídio pelo entendimento de que “a filosofia, porém, só após longa e profundamente interiorizada, só depois de ter não só colorido mas impregnado mesmo a alma, é que está em condições de proporcionar os resultados inicialmente prometidos” (Ep. 71, 31), ou seja, a Filosofia demanda tempo para entregar suas promessas, sendo, a maior promessa, a obtenção da virtude.

Seguindo o caráter educativo que suas cartas possuem, Sêneca resume essas formulações:

[...] de uma forma breve e sintética esta tese pode resumir-se assim: o único bem é a virtude, não existe bem onde não existe virtude e quanto à virtude diremos que ela reside na melhor parte de nós mesmos, ou seja, na parte racional. A virtude não é outra coisa senão a faculdade de ajuizar de uma forma correcta e imutável; dessa faculdade provêm as decisões da vontade, e graças a ela se clarifica a natureza de todas as formas que despertam a vontade (Ep. 71, 32).

Nesse sentido, unindo essas formulações, encontramos claras contradições no que diz respeito à moralidade de suicídio expressas nas questões: (1) sendo a virtude o único bem moral e sendo esta atingida pelo exercício da Filosofia, que demanda tempo, como é possível considerar como moral e admirável um ato de autoextermínio advindo de um ímpeto, sem consideração virtuosa? (2) A Filosofia é o método para a conquista da virtude. A virtude é o que confere dignidade à vida humana. Sendo o percurso da Filosofia um trajeto árduo e demorado, como, então, é possível considerar a duração da vida como algo indiferente? (3) Sendo “preferível o suicídio mais imundo à mais higiênica servidão”, como explicar as relações humanas, sendo que elas são todas definidas, de alguma maneira, por uma necessidade de servidão em um determinado momento?

2 O SUICÍDIO DO SÁBIO

Seguindo sua exposição, “na Carta 70” Sêneca recorre à imagem do sábio estoico para argumentar o valor do suicídio: “o sábio considera como indiferente se a sua morte é natural ou voluntária”, assim “o teu objectivo deve ser só um: eximir-te tão rápido quanto possível aos golpes da fortuna” (Ep. 70, 5-13). Nesse sentido, o sábio, aquele que atingiu a virtude, “prolongará a sua vida enquanto *dever*, e não enquanto *puder*” (Ep. 70, 4). O que reforça a ideia de que a vida não é um bem por si só, mas uma experiência a ser mantida somente enquanto nela houver dignidade, e que o homem deve encerrar o quanto antes sua servidão à fortuna.

Essa percepção de que o sábio tenderia ao suicídio e valorizaria sua morte mais do que sua vida é um raciocínio amplamente contraditório ao analisar toda a obra de Sêneca. Na “Carta 71”, é possível encontrar uma série de proposições que colocam o sábio em uma posição na qual o autoextermínio seria uma ação completamente desprovida de razão, algo que ele possui em seu nível máximo, isto é, a virtude.

Em primeira instância, é ilógico dispor que o sábio se afetaria pelos golpes da fortuna, uma vez que “o sábio será capaz de dominar a fortuna com a sua virtude” (Ep. 71, 30). É importante destacar que o sábio não é um sujeito incapaz de sentir dor ou emoções; entretanto, pela elevação espiritual atingida pela virtude, ele é capaz de não ser abalado por tais fatores como outros humanos que ainda não atingiram tal patamar de excelência:

[...] com isto eu não estou a colocar o sábio à parte do comum dos homens nem a julgá-lo inacessível à dor como se de um penedo insensível se tratasse. Apenas. recordo que o sábio é composto de duas partes: uma é irracional, e sensível, portanto, às feridas, às chamas, à dor; a outra é racional, dotada de convicções inabaláveis, inacessível ao medo, indomável. É nesta parte que reside o supremo bem para o homem. Enquanto o seu bem próprio ainda está por preencher, o espírito do homem pode resvalar na incerteza, mas desde o momento em que atinge a perfeição adquire para sempre a estabilidade total (Ep. 71, 27).

É a partir desta estabilidade adquirida que o “sábio não se lamenta se lhe acontecer algo daquilo a que a condição humana está sujeita” (Ep. 71, 26). Assim como destacado por Marques (2023, p. 22), “o sábio é aquele que age de acordo com a natureza; ora, agir de acordo com a natureza é agir bem, logo, sendo o único bem o bem moral, o sábio age moralmente”.

O que há de mal na tortura e em tudo o mais a que damos o nome de "adversidade"? Apenas isto, segundo penso: o facto de nos abaixar, abater, humilhar o espírito. Ora nada disto pode suceder ao homem sábio, o qual se mantém vertical seja qual for o peso sobre os seus ombros. A um tal homem, coisa alguma deste mundo pode humilhar; um tal homem a nada do que é inevitável se recusa (Ep. 71, 26).

Portanto, para todos aqueles que tendem à virtude, que buscam a compreensão do bem moral e percorrem o caminho da Filosofia, a fortuna e as adversidades da vida devem ser compreendidas como uma inevitável força da condição humana, a qual deve ser superada pelo exercício virtuoso, mesmo que ainda incompleto. O suicídio se mostra, nesse sentido, como uma fuga desonrosa, uma desistência no projeto de ascensão a algo melhor. O autoextermínio é uma quebra na ascensão à sabedoria, na conquista da virtude.

3 A DECISÃO SEGURA PELO SUICÍDIO

Permeando sua argumentação, Sêneca, na “Carta 70”, designa um valor importante para a vontade, como um juízo fundamental para a execução do ato de suicídio. Para ele, a moralidade do suicídio só está presente caso o ato seja realizado com uma vontade que seja intransigente, totalmente direcionada a cortar os vínculos de servidão: “há de ser firme na decisão tomada e romper de uma vez os vínculos da nossa servidão” (Ep. 70, 12). Tasca (2015, p. 54) aponta que “a liberdade de cada um na decisão da morte deve ser preservada. Este é um terreno no qual a opinião alheia é irrelevante”, o que esclarece o raciocínio de Sêneca em relação à decisão absolutamente individual de cada sujeito em optar pelo

autoextermínio: “se eu escolho o navio em que vou navegar ou a casa em que vou habitar, também, ao deixar esta vida, posso escolher a forma como morrer” (Ep. 70, 11). Os exemplos dados tendem a ilustrar situações bastante extremas, seja de um gladiador prestes a enfrentar uma fera na arena, seja de um escravo sendo levado para os combates, as formas encontradas para suicidar-se foram tão brutais como a situação na qual tais sujeitos se encontravam. Entretanto, Sêneca, ao abordar outros exemplos, já apresenta uma certa dúvida em sua abordagem. Ao destacar o caso de Sócrates, ele escreve:

Sócrates poderia ter posto fim à vida recusando-se a tomar alimento, morrendo assim de inanição em vez de morrer pelo veneno. No entanto passou trinta dias no cárcere à espera da hora da morte, não na expectativa do que pudesse acontecer, ou porque este longo adiamento lhe permitisse muitas esperanças! –, mas sim por obediência à lei, e também para permitir aos amigos aproveitarem os últimos momentos de Sócrates. Não seria estúpido sentir indiferença pela morte e mostrar ter medo do veneno? (Ep. 70, 9).

A discussão que nasce dessa passagem pode ser entendida pela questão: não seria a obediência à lei, por parte de Sócrates, um exemplo de servidão? Sua vontade de esperar pelo cumprimento da lei, dentro do tempo estipulado não seria muito mais virtuoso do que o ato na qual encerrou sua vida? Nesse sentido, o suicídio não deve receber os aplausos da moralidade, mas sim o cumprimento para com o que é correto, com o que é virtuoso, com o que é honroso.

Quando Sêneca utiliza da imagem do sábio para destacar que ele “prolongará a sua vida enquanto *dever*, e não enquanto *puder*” (Ep. 70, 4), o sábio deveria, dessa maneira, prolongar sua vida o máximo possível, pois ele é o exemplo de obtenção do bem moral. Sua existência é de fundamental importância para incutir nos outros homens o intuito de ascender a uma vida virtuosa. O sábio, como praticante da filosofia e detentor da virtude, tem o dever de ser contra a noção do suicídio, pois ela vai na contramão da vontade ensinada pela Filosofia de seguir em frente rumo à aquisição da virtude.

Uma coisa ainda incompleta está necessariamente sujeita a oscilar, a progredir, a recuar ou mesmo a ruir. E ruirá certamente, se não houver vontade e esforço em andar para a frente! Se abrandamos um pouco que seja a aplicação e o esforço constante, andaremos certamente para trás. E ninguém conseguirá retomar o progresso no mesmo ponto em que o interrompeu! (Ep. 71, 34-35).

Portanto, a vontade destacada como intransigente na ruptura com a servidão deve ser, na verdade, designada à busca da virtude. A razão tende ao bem moral. O bem moral é o que

concede a dignidade à vida. O trajeto é árduo, demorado e requer vontade e esforço constante, mas é somente por meio dele que o encontro com a verdade e com a felicidade é dado. A maior liberdade humana está expressa em, diante de decisões difíceis, identificar o caminho do bem moral e nele persistir:

[...] avancemos, pois só assim a vida nos será de utilidade. De outro modo não passa de um entrave, e um entrave desonroso para quem vive no meio do vício. Façamos com que todo o nosso tempo nos pertença, o que só será possível se começarmos por nos tornarmos donos de nós próprios (Ep. 71, 36).

CONCLUSÃO

Conclusivamente, identifica-se que Sêneca expressou de maneira inflamada uma posição sobre o suicídio que pode ser claramente contraposta em sua carta seguinte. Como destacado pela frase inicial deste trabalho, o suicídio é um tema de muitas contradições, e Sêneca não escapa destas ao escrever sobre o assunto. Entretanto as contradições destacadas não têm o intuito de desvalorizar a leitura ou até mesmo o calibre desse filósofo; pelo contrário, essas identificações buscam exaltar a maneira como Sêneca exprime a filosofia estoica de modo a superar até mesmo o autoextermínio, destacando como a virtude é o caminho verdadeiro para a felicidade e a liberdade. Como escrito por Tasca (2015, p. 47) “para Sêneca, transmitir noções filosóficas exige transmutação em vivência, ou seja, apenas o conhecimento sem sua interiorização seria uma prática estéril”; isso reforça o espírito educativo do autor, que se preocupa em percorrer até os temas mais delicados para ressaltar o valor único e verdadeiro da Filosofia para o bem-viver. “Só há uma solução, portanto: ser firme e avançar sem descanso. O caminho que resta percorrer é mais longo que o já percorrido, mas grande parte do progresso consiste na vontade de progredir” (Ep. 71, 36).

REFERÊNCIAS

GILL, Christopher. A escola no período imperial romano. *In*: INWOOD, Brad (org.). **Os estoicos**. Tradução de Raul Fiker; preparação e revisão técnica de Paulo Fernando Tadeu Ferreira. São Paulo: Odysseus Editora, 2006. p. 35-63.

MARQUES. B. F. **O hábito de morrer com honra: uma leitura do estoicismo de Sêneca**. Monografia (Graduação em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, PUC Minas. Belo Horizonte, 2023.

SÊNECA. Lúcio Aneu. **Cartas a Lucílio**. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. 2. ed. Porto Alegre: PUC-RS, 2004.

STOCK, George. **O estoicismo**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2022.

TASCA, Mariana Goron. **A boa morte nas Cartas a Lucílio de Sêneca**. 2015. 80 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.